

## **Mulheres *podcasters*: entre narrativas feministas e comunidades virtuais**

**Aline Hack**

Universidade de São Paulo (doutoranda), Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, SP, Brasil  
ORCID 0000-0002-5641-1269

### **Resumo**

Este artigo examina a relevância da mídia de podcast para o registro das memórias da comunidade de mulheres *podcasters*, destacando as trajetórias feministas das suas produtoras. A pesquisa analisa como as narrativas produzidas por essas mulheres contribuem para a construção de espaços de ação e reflexão, tanto no ambiente digital quanto na podosfera. Utilizando a metodologia de etnografia digital, com registros em caderno de campo e observações em três grupos de mensagens instantâneas, o estudo busca compreender a dinâmica e o impacto dessas narrativas. Os resultados indicam que o podcast pode ser um instrumento eficaz para fixação da história e marcação do território digital a partir de narrativas.

### **Palavras-chave**

Comunicação; Podcast; Mulheres Podcasters; Narrativas feministas; Etnografia Digital.

### **1 Introdução**

Essa pesquisa teve início no Mestrado em Direitos Humanos, que investigou a presença das mulheres na mídia podcast, seu perfil e organização no grupo #MulheresPodcasters. Dando prosseguimento à pesquisa no Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais, que agora pretende investigar identidades feministas dessas produtoras com aprofundamento em questões de gênero, parto da ideia de que narrativas são fundamentais para construções de ações políticas individuais e coletivas, em modos de ver e perceber o mundo.

Estas mulheres que fazem parte da comunidade “Mulheres *Podcasters*” enfrentam desafios semelhantes aos meus desde que entrei como produtora em 2017. Para a constituição do *corpus* desta pesquisa, foram analisados três grupos de mensageiros instantâneos: “#MulheresPodcasters” (134 participantes) e “Clube da Luluzinha Podcastal” no WhatsApp (157 participantes) e Telegram (140 participantes),

exclusivos para mulheres (cis e trans), e um grupo misto de editores de podcast com 753 participantes na época.

Outras pesquisas nacionais já revelaram que o grupo de mulheres produtoras, apesar de minoritário na mídia (23%) (ABPOD, 2021), é composto por 91% de mulheres que se autodenominam feministas (Hack; Lima, 2022), cujo perfil é majoritariamente de mulheres cisgênero (96%), brancas (71%), concentradas no sudeste brasileiro (57%), com alto grau de escolaridade e renda variável (Hack, 2024).

Contudo, foi a partir da etnografia digital (Hine, 2000; 2015), realizada entre 2019 e 2020, que captei como as *podcasters* evidenciam a importância do coletivo na construção de uma luta baseada em identidades autoconstruídas, com impacto em todo o sistema ao seu redor. A partir de um caderno de campo, foram observadas as produtoras, suas interações e conquistas, registrando-se práticas políticas e feministas que orientam as reflexões deste artigo.

Essa análise está estruturada em duas partes. A primeira parte examina como o podcast serve como um importante instrumento para registrar narrativas feministas e estimular a ação política. A segunda parte caracteriza a *podosfera* como um acervo digital da memória e um território da mídia podcast com contornos políticos e sociais.

Ao fim, considerando que marcadores culturais, influenciados pelo contexto étnico-racial e territorial, impactam diretamente as narrativas produzidas nos podcasts e a formação de identidades, além da condução de narrativas feministas que valorizam as lutas das mulheres, podemos afirmar que este é um campo fértil de discussão em perspectiva interdisciplinar. O aumento significativo da presença feminina tanto na produção de conteúdos em podcasts quanto na participação em programas existentes reforça essa afirmação.

## **2 Podcast: um registro narrativo da experiência feminista e o convite à ação**

O podcast, enquanto forma de comunicação falada, adquire características próprias a partir da interação digital entre produtores, conteúdos e ouvintes, assim como os conceitos de significantes e significados estabelecidos por Roland Barthes (2012). As práticas digitais de produção de conteúdo em podcast refletem questões sociais

analógicas da língua em ambientes digitais, similarmente às práticas offline (Castells, 2006).

Barthes (2012) destaca que elementos linguísticos são essenciais para a análise das mídias. Embora o podcast não fosse uma realidade em sua época, sua obra nos permite interpretar essa mídia predominantemente oral, pois recursos orais são vitais para a comunicação, exigindo a submissão a regras sociais autônomas, comparáveis a um jogo que só pode ser manejado após ser aprendido. Nos processos de significação das narrativas feministas dentro da produção de podcast, a utilização da teoria de Barthes revela que na forma de interpretar, bem como na substância de expressão do conteúdo, há como compreender objetos de opressão e arranjos sociais das interlocutoras.

Em uma perspectiva feminista, a autora Rayza Sarmiento (2019) define enquadramentos interpretativos que relacionam signos com dimensões sociais. A partir desses enquadramentos, discute a mobilização do consenso nas mídias e questiona como a construção de identidades políticas pode ser apoiada por meio do discurso e da narrativa.

No sistema de produção de conteúdo, produtoras de conteúdo transformam suas experiências em narrativas compreensíveis, funcionando como testemunhos de ação (Barthes, 2012). Essas narrativas são consumidas pelas usuárias, que as interpretam conforme suas realidades e criam sentidos de necessidades políticas dentro de um contrato cultural que pode permitir mudanças.

Tais formas de “ver e classificar o mundo” (Miguel; Biroli, 2011, p. 25) confrontam relatos “universais” e reducionistas de mulheres fora do poder midiático, apresentando novas perspectivas estéticas em construções coletivas (Martín-Barbero, 2004). Isso posiciona essas mulheres narrativamente na história, com base em seus conhecimentos situados, para construir memórias coletivas (Halbwachs, 1990).

Jesús Martín-Barbero (2008) destaca a importância de pesquisar os papéis dos sujeitos na preservação das memórias populares, onde estes mantêm a oralidade como forma de resistência cultural. Halbwachs (1990) e Martín-Barbero (2008) ressaltam a necessidade de revisitar as memórias com atenção às realidades vividas, permitindo reconstruir lembranças individualmente ou coletivamente.

Em se tratando de podcast, o formato audiofônico molda sentimentos antigos e novos, funcionando como mediador cultural. Esses fatos permitem reverberar falas e experiências de mulheres de forma inclusiva, a partir do reconhecimento de si como ser social e político, fazendo com que as narrativas reveladas atribuam novos sentidos às histórias de vida, promovendo a militância e acolhendo novas gerações.

Quando fixadas em experiências feministas, as produtoras de podcasts resistem, enfrentando desigualdades de gênero e orientando ouvintes e futuras gerações a confrontar essas desigualdades. Suas narrativas nos podcasts se consolidam como fonte de conhecimento para lutas atuais e futuras, reivindicando espaços e contextualizando a história dessas mulheres nas práticas digitais, seguindo a práxis freiriana de “agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo” (hooks, 2017, p. 26).

As histórias de vida dessas mulheres organizam no tempo e no espaço as questões que buscam comunicar. Suas vozes se conectam em temas de produção individual, identificando e negociando marcas sociais, articulando suas percepções de que não existe um sentido universal para o feminismo. Por isso, a retórica da revolução digital na mídia a partir de espaços “amplamente democráticos” pode parecer falaciosa, pois esses campos de discussão política ainda estão hierarquizados em um sistema de opressões de gênero e do próprio mercado, a partir dos algoritmos.

Contudo, as gravações e divulgações de falas de mulheres repercutem nos constantes processos de troca e liberdade: falar, expor, denunciar hegemonias sobre seus corpos, ideias, machismo e patriarcado. Refletir sobre a memória criada a partir dos conteúdos audiofônicos, divulgados em formato de podcast, ajuda a entender a dificuldade das mulheres em se organizar coletivamente, devido às atribuições de gênero a serem conciliadas, tornando mais fácil para elas se organizarem em espaços privados e digitais, onde podem fazer suas trocas de forma segura.

Dentro de uma *mimesis* aristotélica, mulheres inspiram novas mulheres a partir da presença digital e de programas que se tornam conhecidos, propagando nesses espaços arranjos próprios, com diretrizes, marcas sociais, memória e inspiração para lutas futuras, influenciando todas ao seu redor. Há as lideranças que direcionam o ritmo dessas lutas, que indicam o caminho e o destino deste resultado. Ou seja, cada mulher

representa um protagonismo, uma cor, um significado, um ritmo, um objetivo e uma estratégia.

A repetição, a periodicidade de episódios e o ato de contar histórias agregam uma ritualização no saber e transferem narrativas sociais a partir da representação social. Essa representação incorpora valores, ideias e tramas do mundo material e social. Os relatos, carregados de elementos simbólicos, oferecem diferentes valores e orientações ao público, além da responsabilidade sobre as narrativas.

Embora as narrativas de diversas mulheres possam se contrapor neste contexto, elas não estão imunes aos estereótipos de gênero e às opressões inerentes a todo um sistema social. As histórias criam identidades diversificadas, sentidos sobre essas vivências e limites para o próprio grupo, organizando a memória com a construção narrativa das próprias *podcasters*.

Nesse ambiente digital, o local de fala encontra o lugar de escuta, onde problemas são percebidos como reais, e indicadores de gênero e raça são contextualizados, enquanto práticas políticas adquirem formas próprias. O ambiente digital oferece um espaço para a crítica cultural proposta e temas correlacionados a partir dos fenômenos de recepção (Martín-Barbero, 2008), permitindo que os discursos feministas se movam e se reconfigurem constantemente.

Esses processos de percepção do poder em contextos de gênero são etapas de uma conscientização que leva à análise, à criação, à contextualização social, ao conhecimento, à organização, à teorização e à mobilização política, como discutem Stuart Hall (2006) e bell hooks (2019).

Sendo a mídia podcast uma prática discursiva produto da linguagem e sua produção uma contextualização de processos históricos, a composição simbólica se torna tão fluida quanto as narrativas que trazem materialidade às lutas sociais das mulheres. Os podcasts circulam enunciados, determinam a posição das sujeitas e atribuem contextos ao que se entende como luta feminista, localizando as mulheres no tempo, na história e na cultura de um povo em um campo de representações simbólicas (Gregolin, 2007). Nesse sentido, fica evidente que as mulheres utilizam podcasts para preservar a memória e o protagonismo de outras mulheres na mídia, em um reino de som e presença.

Essa observação também foi ecoada por Yasmeen Ebada e Kim Fox (2023), que definiram a narrativa autobiográfica como uma ferramenta de empoderamento. A atividade em rede de memórias e ações de mulheres que praticam discursos de materialidade em diversos contextos reforça esse empoderamento, destacando a importância dos podcasts como ferramentas para a preservação e amplificação das vozes femininas.

Por isso, a vocalização de demandas feministas na *podosfera* pode descentralizar politicamente a própria mídia podcast. As narrativas emergentes trazem novas definições de sentido à agenda feminista, intimamente relacionada à democracia. Se a mídia não for representativa e as falas não conseguirem agregar capital simbólico às demandas, estas não terão efeitos públicos significativos.

### **3 A *podosfera* enquanto território digital para registro de memória da comunidade de *podcasters***

O coletivo de mulheres *podcasters* se forma em um sistema de afinidades – uma comunidade, assim definida por Manoel Castells (2001), como grupo de sujeitas que se aproximam em torno de um objetivo comum. Como nos movimentos sociais, essa comunidade tem como vetor a identidade de gênero mulher e o objetivo, mesmo que implícito, de lutar contra o machismo e o patriarcado na condição de produtoras feministas, promovendo a construção e permanência de uma comunidade em um espaço simbólico chamado *podosfera*.

A autora Julieta Paredes (2014) compreende que comunidades de mulheres funcionam como um corpo, e, sob a ótica de Anne-Marie Paveau (2021), o grupo de mulheres *podcasters* seria, portanto, um *corpus* digital nativo. Essa definição proporciona a observação dos dados, sua coleta, as linguagens, lutas políticas e discursos, pois esse corpo define tanto as escolhas feministas e epistemológicas que permeiam os programas produzidos individualmente quanto as escolhas políticas da comunidade, em seus aspectos coletivos.

Em contexto similar, Manoel Castells (2001, p. 43) define que a comunidade, entre outros fatores, interfere diretamente na chamada cultura da internet, contribuindo

com ideologias e identidades difundidas pelo espaço digital. Ele acrescenta que “a cultura comunitária virtual acrescenta uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, fazendo da Internet um meio de interação social seletiva e de integração simbólica”.

Quando pensamos em corpos e comunidades, naturalmente refletimos sobre o território que esses corpos ocupam, vocalizam e onde criam culturas e memórias. Geograficamente, território é todo espaço de terra fracionado ou delimitado por fronteiras. Politicamente, territórios envolvem a concentração de memórias, culturas e identificação étnica.

Há quem também nomeie os territórios como locais de fala (Gonzalez, 2020; Ribeiro, 2017), conhecimento situado (Miguel; Biroli, 2011), lugares de opressão (Carneiro, 2011; Martín-Barbero, 2004) e territórios digitais delimitados por algoritmos (Silva, 2020). A discussão que apresento sobre território permeia principalmente os contextos políticos.

Considero que a interpretação de território constrói e preserva histórias, pois nenhuma sociedade existe sem imprimir uma lógica territorial ao espaço que ocupa e divulga suas histórias. Reduzir o território ao espaço de terra é limitar o debate apenas à propriedade. Territorializar, inclusive, envolve o processo denominado por Martín-Barbero (2004) como “des-territorialização”, que consiste em identificar marcadores sociais das falas de grupos e suas ideologias, para reconhecer a vida e os sentidos a partir dos locais onde suas demandas são contextualizadas.

O autor ainda destaca a necessidade de mudança de paradigmas nas formas de agir e se comunicar na América Latina, permitindo a criação de novas experiências estéticas, a construção coletiva de saberes e o surgimento de uma nova consciência. Embora tenha analisado os meios de comunicação nos anos 80 e 90, encontramos na mídia podcast similaridades e preocupações que o autor descreve como “fetichização do meio de comunicação”. Esse processo oculta o sistema de produção, a elaboração das mensagens e a consequente “coisificação” e controle pelas classes mais favorecidas, ocasionando um “re-silenciamento” pelo monopólio econômico dos meios (Martín-Barbero, 2004).

Friso ainda que há um ponto importante na delimitação do espaço midiático chamado *podosfera*, considerado território. Esse território, essencialmente digital, possui características semelhantes às dos espaços públicos não digitais, com normativas e dinâmicas próprias. Apesar disso, as mulheres conseguem posicionar suas falas por meio de canais alternativos de comunicação para difusão de debates marginais (Freitas, 2019) e construir sua própria história a partir da memória de mulheres territorializadas, em seus saberes e contextos subalternos (Halbwachs, 1990; Spivak, 2014).

E, neste sentido, contextualizar o ambiente da *podosfera* como um território político, onde são trabalhadas pautas e selecionadas as pessoas que devem ser ouvidas, guarda relações com o processo de uniformização midiática já existente em outros meios, como as mídias de jornalismo, por exemplo. Isso é ainda mais relevante em um contexto onde a concentração do consumo de podcasts ocorre majoritariamente na região Sudeste (ABPOD, 2021; ABPOD; CBN, 2019).

Os territórios são articuladores discursivos e traduzem deslocamentos, sendo assim chamados de campos discursivos de ação (Alvarez, 2014). Ao considerar um país onde a concentração de poder está diretamente relacionada à concentração econômica, é possível traçar um paralelo territorial para definir onde há interesses, barreiras à livre comunicação, desertos midiáticos e desenvolvimento de pautas. As mulheres buscam espaços nesse território denominado *podosfera* não apenas por meio de suas produções, mas também pelo reconhecimento de todo um protagonismo de mulheres.

Os registros em formato de podcast têm sido utilizados, assim como outrora pelas mulheres da imprensa negra e feminista, para criar “espaços privilegiados para o registro de memórias de experiências de indivíduos e grupos negros, construídas com base em suas próprias perspectivas” (Freitas, 2019, p. 117). Esse território digital oferece uma plataforma poderosa para a construção e disseminação de identidades e lutas feministas, moldando um espaço onde vozes marginalizadas podem ser ouvidas e reconhecidas.

Encontro em Chandra Mohanty (2020) uma referência epistemológica que também aparece na perspectiva pedagógica de bell hooks (2017) e na pedagogia decolonial de Catherine Walsh (2013) para a fixação da memória de mulheres, até mesmo em um contexto territorial. Juntas, as autoras consideram a memória essencial

para a reafirmação, resistência e organização, algo que hooks e Walsh também definem como pedagogia. A resistência reside na interação consciente com discursos dominantes e na criação de espaços de oposição analíticos e culturais, um processo que também foi apontado por Ebada e Fox (2023) como uma recriação das próprias histórias.

Descobrir e apropriar-se de conhecimentos subjugados é crucial para resgatar histórias alternativas e fixar impressões do mundo interno e externo, uma vez que as ideias se organizam por meio da memória e da imaginação. Assim, a memória de mulheres resgata práticas ancestrais de histórias não apenas vividas por elas, mas também por aquelas que as antecederam. Em um contexto de podcast, os relatos de mulheres produtoras que ingressaram na mídia entre 2015 e 2018 – anos em que havia poucas representantes – ainda podem ser acessados por mulheres que entram hoje, organizando estratégias de presença para novas produtoras.

A prática audiofônica, que registra essa memória, mantém vivo o liame entre as gerações de *podcasters*, aproximando dificuldades e inspirando novas produtoras, assim como mães e avós contavam às suas filhas e netas histórias de seu povo. A partir das observações, percebi que muitas dessas mulheres, ao entrarem em contato com o feminismo, revisitam conteúdos que haviam gravado anteriormente, em um processo de autocrítica feminista, conforme as conversas do grupo de WhatsApp e Telegram observados.

Em se tratando da experiência feminista, quando narram suas experiências – sejam nos grupos de WhatsApp ou Telegram, sejam nos programas que produzem – as produtoras relatam que não eram esclarecidas, percebidas ou compreendidas em relação aos aspectos de machismo que sofriam. Hoje, ao revisitá-los, entendem que se tratava de falta de experiência, atenção e maturidade política<sup>1</sup>; algo que, apesar de não mencionar o feminismo, Halbwachs (1990, p. 52) denomina como “lembrança simulada”.

Inversamente, não há na memória um vazio absoluto; ou seja, não existem regiões do nosso passado totalmente apagadas, de sorte que toda imagem que ali

---

<sup>1</sup> Em tempo, registro que não houve a transcrição das falas das participantes do grupo por não haver autorização explícita para isso, mesmo de forma anônima. Respeitando o compromisso ético da pesquisa e as características da etnografia, que consistem em observar, relatar e analisar, considero atendidos os critérios metodológicos para a investigação aqui apresentada.

projetamos não pode se agarrar a nenhum elemento de lembrança, revelando uma imaginação pura e simples ou uma representação histórica que nos permaneça exterior. Não esquecemos nada; no entanto, essa proposição pode ser entendida de maneiras diferentes e interpretada ao longo do tempo (Halbwachs, 1990).

A memória tecnodiscursiva descrita por Marie-Anne Paveau (2021) permite compreender como a perspectiva de cognição é formada para contribuir externamente com os discursos. Essa memória em podcast que apresento aqui é construída a partir de arquivos digitais, ampliando vozes e lutas em inscrições passadas, presentes e futuras. A importância de transformar coletivamente e construtivamente histórias de vida dentro dos podcasts não se reduz à mera produção de conteúdo, mas incorpora a tradução da relevância de um ambiente digital culturalmente diverso, refletindo as desigualdades sofridas por cada *podcaster* e evidenciando uma linha de opressões sofridas.

Analisando os cadernos de campo e minha vivência em ações como o Dia Internacional do Podcast, durante o qual foram realizadas reuniões com *podcasters* latinas, que se autodenominam *podcasteras*, iniciou-se uma pequena ação política a partir de tuítes no dia 30 set. 2020, integrando as *hashtags* #mulherespodcasters, #PodcasterasLatinas e #NosotrasHacemosPodcast,<sup>2</sup> com o objetivo de simbolizar a presença de mulheres produtoras na América Latina.

Do mesmo modo, em ações como a do Dia Nacional do Podcast, em 21 out. 2021 o canal Mulheres Podcasters no YouTube transmitiu de forma digital, durante mais de três horas ininterruptas, o evento denominado “A *podosfera* que queremos”. Esse evento reuniu integrantes das *hashtags* #mulherespodcasters, #podcastersnegros, #podcastersPCDs, #LBGBTPodcasters e #PodcastersPeriféricos para a celebração do Dia Nacional do Podcast, onde foram discutidas as formas de presença das mulheres na mídia, suas experiências, projetos e o futuro das *podcasters*. Entre um painel e outro, os movimentos das *hashtags* foram apresentados por mulheres integrantes dos mesmos.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://twitter.com/MulheresPod/status/1501165677524267012>. Acesso em: 12 out. 2022.

Por fim, em 2022, o perfil do antigo Twitter (hoje X)<sup>3</sup> @MulheresPod, organizado pela administração do grupo de WhatsApp Mulheres Podcasters, criou a campanha “Mulher, tua voz é tua luta”<sup>4</sup> para celebrar o Dia Internacional da Mulher e destacar a importância da presença feminina na *podosfera*, não apenas nos microfones, mas em toda a cadeia de produção da mídia. Nessa campanha, as administradoras desenvolveram uma arte com a fotografia de várias produtoras e a frase da campanha, divulgada também nas redes de Instagram @mulherespod e nos perfis pessoais das produtoras, sempre com a hashtag #mulherespodcasters.

Embora possam parecer ações pontuais, a cronologia revela que as mobilizações ocorridas no mês de março de 2020, conhecidas como “mês da mulher”, refletem um movimento político incipiente e uma demarcação de territórios a partir da história das protagonistas na mídia, que germina na matriz epistêmica do reconhecimento como algo coletivo. Do mesmo modo, dentro dessa proposta pedagógica e feminista, surge o sentimento de solidariedade entre as produtoras de podcast por meio de intercâmbios críticos que confrontam realidades, linhas de opressão e necessidades.

Portanto, para construir uma teoria da memória feminista de *podcasters* como um fenômeno territorial e histórico, a partir de suas protagonistas, cultura e práticas sociais e políticas como mediadoras do mundo, é necessário não apenas atribuir à *podosfera* um espaço territorializado, mas também estabelecer uma linha narrativa temporal que registre lugares de fala para as produtoras e lugares de escuta para as usuárias (ouvintes), permitindo uma percepção mais abrangente desses contextos.

#### 4 Considerações finais

Atualmente, a mídia de podcast enfrenta desafios semelhantes a outras formas de mídia, lidando com desigualdades e questões sobre quais vozes são ouvidas e

<sup>3</sup> Quando da elaboração do artigo, o X, antigo Twitter, estava em funcionamento; contudo, até o fechamento dessa edição, a plataforma encontra-se suspensa por determinação do Superior Tribunal Federal. Para informações, vide <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-determina-suspensao-do-x-antigo-twitter-em-todo-o-territorio-nacional-2/>. Acesso em 30 ago. 2024.

<sup>4</sup> Essas e outras questões foram levantadas no evento “A podosfera que queremos” realizada pelas Mulheres Podcasters. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cvKNCbMiYcY>. Acesso em: 10 out. 2022

consideradas legítimas. Assim como em outras mídias, os podcasts enfrentam problemas de representatividade política, legitimidade e hierarquias de gênero, conforme discutido por Gayatri Spivak (2014) em vários contextos.

A expressão do poder simbólico está profundamente enraizada nos indivíduos e no próprio capitalismo, e a noção de territórios se estende além dos domínios físicos para incluir não apenas a linguagem e a cultura, especialmente no contexto das experiências feministas, mas também os algoritmos. Em um contexto de registro de narrativas e histórias a partir de produtos tecnológicos como o podcast, as mulheres inserem-se em um processo de autopercepção sobre seu eu social, dialético e parte da história. Esse processo de reconhecimento, apontado pelas autoras bell hooks (2017; 2019), Catherine Walsh (2013) e Yasmeen Ebada e Kim Fox (2023), é primordial para o exercício político do movimento feminista, sendo parte dessa ação política.

No entanto, para mulheres de comunidades sub-representadas, a conexão através de tradições orais oferece uma intimidade que pode desafiar noções preconcebidas (Ebada e Fox, 2023; Spivak, 2014). Esses processos são essenciais para a presença de mulheres e grupos marginalizados na mídia de *podcast*, contribuindo para narrativas contra-hegemônicas e para a normalização de vozes legítimas, cujos significados variam em diferentes contextos.

Os podcasts, nesse sentido, tornaram-se uma ferramenta crucial para acessar e preservar as memórias das mulheres, refletindo suas vozes e histórias de maneira significativa. No entanto, enfrentam dificuldades para continuar resistindo historicamente devido ao custo de armazenamento virtual e ao acesso, em meio a tantos dados disponíveis. Embora seja considerada uma plataforma democrática, nem todas as vozes são igualmente ouvidas na mídia de podcast, em razão de limitações tecnológicas e preconceitos.

No contexto de ideias políticas, uma tendência dialética surge nos podcasts por meio de narrativas contadas e silenciadas, nas quais as mulheres articulam suas interpretações e navegam por suas perspectivas através da autopercepção. A relevância das redes de apoio entre produtoras e o sentido de comunidade são cruciais, pois a convergência desses elementos facilita a disseminação de conteúdo em várias plataformas e o cultivo de movimentos novos e enriquecidos. Como observa Manoel

Castells, “a cultura da comunidade virtual adiciona uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, tornando a Internet um meio de interação social seletiva e integração simbólica” (Castells, 2001, p. 43).

O ato de contar histórias é um aspecto profundamente arraigado da cultura humana, e o compartilhamento de narrativas serve como uma forma fundamental de nos conectarmos uns com os outros. Essa inclinação inata para compartilhar histórias transcende os avanços tecnológicos; embora o advento de novas tecnologias tenha inegavelmente facilitado e expandido os caminhos pelos quais as histórias são disseminadas e consumidas, ainda é necessário pensar em como essas narrativas serão preservadas para gerações futuras.

A criação desses espaços digitais territorializados, a partir das histórias de experiência, seja pela marcação espacial alinhada a sotaques, aspectos culturais e contextos onde vivem as produtoras, seja pela formação de uma comunidade com história e protagonismo, é essencial para criar, manter e valorizar o que se chama *podosfera*, onde essas sujeitas se inserem.

Acrescento que a prática de áudio, que registra memórias e narrativas, mantém vivo o elo de gerações de *podcasters* conectando desafios e inspirando novas gerações de produtores. Isso reflete a tradição cultural de mães e avós contando histórias para suas filhas e netas, transmitindo a história e a sabedoria de seu povo. Para a comunidade de mulheres *podcasters*, esse é o verdadeiro legado que precisa ser preservado.

## Referências

ABPOD. **Podpesquisa 2020-2021 produtores**. Brasil: ABPOD, 2021. Pesquisa. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

ABPOD; CBN. **Podpesquisa 2018**. Brasil: ABPOD, 2019. Pesquisa. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, [s. l.], n. 43, p. 13–56, 2014.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. 19 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. *Em*: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (orgs.). **A sociedade em rede**: do conhecimento à acção política. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2006, p. 17–30.

EBADA, Yasmeeen, FOX, Kim. “Public pedagogy, autotheory, and Egyptian female podcasters.” **Journalism**, 2023.

FREITAS, Viviane Gonçalves. Vozes das mulheres negras na imprensa feminista brasileira: interseccionalidade, pluralidade e cidadania. *Em*: MARQUES, Danusa *et al.* (org.). **Feminismos em rede**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019. p. 111–128.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. vol. 4, n. 11, nov. 2007, p. 11–25.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HACK, Aline. The feminist community of podcast producers in Brazil: Mapping the profile of women. **RadioDoc Review**, 9(1), 2024.

HACK, Aline, LIMA, Angelita Pereira de. Militância Podcaster Feminista: Um Exercício Etnográfico. **Revista Eco-Pós**, 25(3), 340–360, 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice; Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London ; Thousand Oaks, Calif: SAGE, 2000.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet**: embedded, embodied and everyday. London; New York: Bloomsbury Academic, An imprint of Bloomsbury Publishing Plc, 2015.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flavia. **Caleidoscópio convexo**: mulheres, política e mídia. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2011.

MOHANTY, Chandra Talpade. **Sob olhos ocidentais**. Tradução: Ana Bernstein. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020. (Pequena Biblioteca de Ensaaios Perspectiva Feminista).

PAREDES, Julieta. **Hilando fino**: desde el feminismo comunitario. 2. ed. México: Cooperativa El Rebozo, 2014.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017. (Feminismos Plurais).

SARMENTO, Rayza. Análise de enquadramento e epistemologia feminista: discutindo implicações metodológicas. **Teoria & Pesquisa**: Revista de Ciência Política, [s. l.], v. 28, n. 3, 2019. Disponível em: <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/760/440>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SILVA, Tarcizio. Racismo algorítmico em plataformas digitais: microagressões e discriminação em código. *Em*: **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: olhares afrodiáspóricos. São Paulo: LiteraRUA, 2020. p. 120–137.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

WALSH, Catherine *et al.* Lo pedagógico y lo decolonial. Entretejiendo caminos. *Em*: **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito, Ecuador: Editorial Abya-Yala, 2013. (Pensamiento decolonial). v. Tomo I, p. 23–68.

---

## **Women Podcasters: Between Feminist Narratives and Virtual Communities**

### **Abstract**

This article examines the relevance of the podcast medium for recording the memories of the community of women podcasters, highlighting the feminist trajectories of the producers. The research analyzes how the narratives produced by these women contribute to the construction of spaces for action and political reflection within the digital environment known as the podosphere. The methodology of digital ethnography was employed, including observations in three instant messaging groups and records in a field notebook, to understand the dynamics and impact of these narratives. Ultimately, the conclusion is that podcasts can serve as instruments for documenting history and marking digital territory through narratives.

### **Keywords**

Communication; Podcast; Women Podcasters; Feminist narratives; Digital ethnography.

---

### **Como citar**

HACK, Aline. Mulheres *podcasters*: entre narrativas feministas e comunidades virtuais. **Interfaces da Comunicação**, [S. l.], v. 1, n. 3, 2024, p. 1-15.

Recebido em: 1/7/2024.

Aceito em: 1/8/2024.

